

MOBILIDADE, PAISAGENS DIGITAIS E PRÁTICAS (TRANS)LINGUÍSTICAS*Mobility, Digital landscapes and (trans)linguistic practices*Eliane Fernandes AZZARI (PUC-Campinas)¹**RESUMO**

O presente trabalho propõe discutir, a partir de uma perspectiva dialogicamente orientada, possíveis articulações entre os conceitos de Paisagem Linguística / Semiótica, ambientações digitais e a noção de mobilidade e suas implicações para o engajamento em práticas linguísticas contemporâneas. Entendendo-se a língua(gem) como prática social e historicamente situada, torna-se premente examinar (trans)formações decorrentes dos deslocamentos tempo-espaciais que contextualizam comunicações discursivas pautadas em propiciações (affordances) decorrentes de interações situadas no ciberespaço. Ademais, torna-se pertinente analisar possíveis implicações para o ato de “tornar-se” (no sentido bakhtinianamente proposto) do sujeito ao engajar-se em práticas comunicativas contextualizadas e(m) mídias digitais.

Palavras-chave: Paisagem Linguística/Semiótica, Translinguismo, Sujeito, Mídias digitais

ABSTRACT

The present paper adopts a dialogic perspective to articulate notions of Linguistic/Semiotic Landscape, digital environments and mobility and their (likely) implications to engaging in contemporary linguistic practices. By defining language as a social and historically situated practice, the examination of (some of) the transformations derived from time-space displacement of discursive communications which are situated in cyberspace becomes a pressing matter. Moreover, it is also relevant to analyze possible implications to the act of “becoming” (in the sense proposed by Bakhtin and his Circle) of a subject when engaging themselves in contextualized communicative practices.

Key-words: *Linguistic/Semiotic Landscapes, Translingualism, Subject, Digital media*

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. Departamento de Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0544-3252>; email: elianeazzari@gmail.com

1. Introdução

Permeado por recursos abertos, síncronos e hipertextos, o ciberespaço tem propiciado a reestruturação de comunicações discursivas que se apresentam materializadas em/por gêneros diversos. Nos ambientes digitais, caracterizados pela instantaneidade e volatilidade das interações estabelecidas, múltiplos saberes são, igualmente, construídos e compartilhados. Nativamente híbridas diferentes manifestações socioculturais encontram nos tempos-espacos digitais ambientação favorável a seu desenvolvimento e divulgação e modificam noções previamente estabelecidas tais como a de mobilidade e de paisagem linguística.

Apoiando-se em múltiplas semioses, recheadas por recursos multimodais e multimidiáticos e favorecidas pelas interações ubiquamente estabelecidas, tais manifestações (re)desenham e (re)significam práticas sociais em que discursos são (re)apropriados, constituídos e difundidos de forma ágil e massiva e apresentam (novo) desafio ao campo dos estudos da língua(gem) que, por conseguinte, carece mais e mais de perspectivas investigativas interdisciplinares.

Dessa forma, este artigo propõe discutir a formação linguística contemporânea a partir de noções tais quais as de pluralidade e contextualização (CANAGARAJAH, 2007; 2013; BLOMMAERT, 2015; 2017), ao abordar a (re)configuração de paisagens digitais em que práticas sociais encaminham o (re)desenho da relação entre mobilidade, língua(gem) e o sujeito nos dias presentes.

Para tanto, toma-se por ponto de partida a condição historicamente situada da língua(gem), acatada como oportunidade em que, à maneira dialógica, o sujeito engajado em comunicação discursiva – dialogando –, envolve-se no ato de “tornar-se”, como argumentado por Bakhtin (2006; 2011), a fim de discutir as implicações decorrentes desse ato no âmbito das práticas situadas em ambientes digitais.

A feição de proposta metateórica, a apreciação analítica decorre da apropriação de discussões feitas no campo de estudos da Paisagem Linguística/Semiótica, tais como as desenvolvidas por Shohamy e Waksman (2009) e Jaworski e Thurlow (2011). Somam-se a estas, as proposições oferecidas por Blommaert (2015; 2017) e Blommaert e Maley (2014).

2. Paisagem digital, língua(gem) e mobilidade

Concentrando-se no exame de manifestações diversas de objetos socioculturais posicionados em zonas urbanas, o campo de estudo da Paisagem Linguística tem se expandido como área de pesquisa cujo olhar se volta ao estudo da língua(gem) em interfaces estabelecidas com o seu meio-ambiente, como esclarecem Shohamy e Gorter (2009, p.01).

Campo de pesquisa interdisciplinar em sua origem, o estudo da Paisagem Linguística concentra-se em investigar variadas (formas de) manifestações sempre relacionadas a seus contextos tempo-espaciais, notadamente aqueles que se caracterizam como públicos, propiciando o estudo dos propósitos

da linguagem e(m) seus sentidos (a saber: suas construções; representações e os meios em que / pelos quais circula). De acordo com Shohamy e Waksman (2009), essa abordagem pode ser entendida como uma “arena ecológica”, que incita a (re)consideração de conceitos de linguagem, sujeito, tempo e espaço. Dessa maneira, mediante o posicionamento da investigação em um contexto sociocultural em que as fronteiras entre os mundos “*online*” e “*offline*” ficam cada vez mais embaçadas, como esclarece Blommaert (2017), entende-se que o termo “Paisagem Linguística” deva acatar manifestações outras além das associadas ao universo da conceituação verbal. Consoante, Jaworski e Thurlow (2011) sugerem a adoção do termo Paisagem Semiótica.

Não sendo objeto presente o aprofundamento da supracitada disputa e/ou embate terminológico, adota-se, à maneira intercambiável, o termo Paisagem Linguística/Semiótica (doravante PL/S), apropriando-se essa proposta teórico-analítica como orientação para a investigação de manifestações discursivas em contextos comunicativos estabelecidos no âmbito digital.

Como destacam Jaworski e Thurlow (2011), nos dias correntes, as manifestações socioculturais encontram recursos na multimodalidade e no emprego de múltiplas semioses para o processo de constituição de sentidos – o que pode ser facilmente observado no estudo de ambientes digitais situados no ciberespaço tais quais: plataformas de redes sociais; blogs; *vlogs*, fóruns de discussão e plataformas de jogos colaborativos síncronos, dentre outros.

Como aponta Azzari,

(...) em grande medida, está sob a custódia do desenvolvimento e da propagação das tecnologias digitais a responsabilidade pela expansão desta (nova) rede de múltiplas formas de construir, representar e difundir sentidos, reorganizados em/por ambientes que tornam difusas as margens entre materialidades presenciais e virtuais, bem como entre os conceitos de público e privado – antigas dicotomias que ora se mesclam em processos de imersão e/ou super/sobreposição (AZZARI, 2017b, p. 62).

Um dos aspectos que se destaca no campo de pesquisa focalizado pela PL/S é a questão da interface língua(gem) e mobilidade. Originalmente, o conceito de “mobilidade” a que se referem os estudos abordados pela PL/S focalizam a movimentação humana por/através de diversos espaços urbanos e públicos, rastreando-a através dos registros da língua(gem). Isso implica olhar objetos socioculturalmente constituídos em arquiteturas concretas tais quais: grafites em paredes de prédios; placas; avisos, etc.

Em acordo com o que advoga Ivkóv (2012), é possível propor pesquisas orientadas pelo viés da PL/S que se concentrem nos ambientes digitais percebendo-se, também nesses contextos, o rastro da mobilidade marcado pelo deslocar de interlocutores que se movimentam por diferentes mídias digitais, ao participar em comunicações discursivas. Porém, ao contrário das mobilidades físicas, que envolvem, não raras vezes, processos de (i)migração e dissidência, a movimentação por tempos-espaços digitais é marcada pela ubiquidade propiciada por objetos e recursos de tecnologia móvel, digital e, particularmente, síncrona (*online*).

Contribuem para a discussão supramencionada as proposições de Santaella (2011; 2013) para quem o sujeito que se manifesta em contextos digitais, por intermédio das tecnologias móveis, caracteriza-se por ser “intermitentemente pessoas presentes-ausentes” (SANTAELLA, 2013, p.16). Destarte, pode-se afirmar que,

(...) nesse contexto, a mobilidade contemporânea é físico-virtual: é exponencialmente multiplicada pelo ir e vir (...) A mobilidade a que me refiro ocupa-se da ubiquidade digital para trilhar o ciberespaço, (re)desenhando inéditas (e, por vezes, inusitadas) paisagens (linguísticas/semióticas), marcadas por um estar/não-estar (...) sujeitos embrenhados em nós (AZZARI, 2017b, p. 62-63).

Movimentando-se com apoio na ubiquidade digital, ao traçar percursos (trans)midiáticos, o sujeito envolvido em interlocuções situadas em ambientes síncronos não está mais submetido a limites tempo-espaciais. Para o entendimento dessa constatação, corrobora a noção de “cronotopo”, desenvolvida em apreciações bakhtinianas, segundo a qual a relação tempo-espaço é indissociável. Note-se, porém, que nas discussões levantadas por Bakhtin, o tempo assume ligeira preponderância em relação ao espaço, caracterizando-se como uma (possível) dimensão outra, como lembra Blommaert (2015, s/p).

Retomando apreciações acerca do conceito de cronotopo feitas por Blommaert (2015), Azzari (2017a) destaca a relação desse conceito com outro aspecto central desenvolvido nas discussões de Bakhtin e seu Círculo: a noção de heteroglossia.

Interessando-se pela questão da pluralidade linguístico-discursiva que caracteriza as práticas sociais, a pesquisadora (ao dedicar-se à análise de discursos e(m) suas concretudes enunciativas) encontra apoio em Blommaert (2015, s/p) que postula que “diferentes vozes de diversas estratificações (camadas) sociais” permeiam quaisquer discursos. Dessa afirmação, Blommaert (2015) infere também que, já que os enunciados apresentam formas (mais ou menos estáveis) configuradas por tema, estilo e apreciação valorativa, tanto o discurso manifestado / construído do/no enunciado quanto seu estilo são heteroglossicamente constituídos.

Por conseguinte, questões de estilo devem igualmente ser analisadas como construções cronotopicamente estruturadas, ou seja, que estão/são “atreladas a realidades tempo-espaciais historicamente situadas e [que] registram a diversidade intrínseca à língua(gem)” sendo que, em relação a apreciações de valor, “ideologias marcadas nas réplicas ativas estabelecidas nos processos de interlocução emergem de processos dialógicos em que o interlocutor orienta seus enunciados a partir de seus próprios sistemas verbo-ideologizados” (AZZARI, 2017a, p. 49-50). Portanto, não há isenção de valoração, neutralidade ou ausência de diversidade no que tange à conceituação e à relação tempo-espacial, como conclui Blommaert (2015, s/p).

As articulações teóricas até aqui apresentadas encaminham esta discussão a seu momento seguinte, que terá por objeto tatear diálogos possíveis entre as considerações ora traçadas e a noção de uma formação linguística translíngua, diversificada e contextualizada, que tome por base manifestações/construções do sujeito em PL/S a partir de comunicações discursivas e(m) mídias digitais.

3. Sujeito, mídias digitais, práticas translingues e formação linguística

Ao tratar de comunicações discursivas situadas no ciberespaço, observadas sob o viés da PL/S e com orientação bakhtiniana, torna-se basal esclarecer tanto a noção de sujeito quanto expandir o que a ideia nomeada como “ato de tornar-se” assumem nessa perspectiva.

Sob o viés do dialogismo bakhtiniano, o sujeito – entendido como um ser essencialmente social –, atua em diferentes contextos historicamente situados nos quais se posiciona (em/por construções da língua(gem)) diante da vida.

Nessa direção, informa Bakhtin (1981, p. 49) que “imagens de [uma] língua são inseparáveis das imagens das várias visões de mundo e dos seres vivos que são seus agentes – pessoas que pensam, falam, e atuam em um contexto que é social e historicamente concreto”.

Também recorrendo ao que postula Bakhtin, Vitanova (2013, p.154) afirma que é no diálogo, na “ação em si”, que se dá o “ato de tornar-se” do sujeito. Azzari (2017a, p. 52), revisitando as proposições de Vitanova em relação ao falante de uma língua estrangeira, esclarece que, nessa situação discursiva, o sujeito manifesta “(...) a habilidade de tomar as palavras de outros e marcá-las com sotaque à maneira única de cada um”.

Para expandir a ideia do ato de “tornar-se” conforme orientam as discussões bakhtinianas é preciso, primeiramente, entender que, nessa perspectiva, concebe-se o mundo como um acontecimento em que a(s) realidade(s) se caracteriza(m) por processo (e não produto), o que indica inacabamento, incompletude.

O sujeito, que nesta abordagem é concebido como um ser sempre ativo e responsivo, portanto, não “é”, e sim, “torna-se”, à medida que social e dialogicamente se movimenta (em comunicação discursiva), estabelecendo a relação eu - outro –, uma relação ambivalente, de dupla-mão, em que o sujeito participa.

O dialogismo permite ao sujeito experimentar a(s) realidade(s) constantemente (re)constituindo-se, (re)aprendendo e (re)desenhando realidades sociais. Nota-se, ainda, que tal perspectiva acata o papel das relações de poder em que estão intrincados os processos de comunicação discursiva, o que os torna invariavelmente marcados por ideologias (ideias norteadoras, externas à estrutura linguística, que é elemento subjacente) e que exercem sobre o código linguístico ação determinante na constituição de sentidos, posto que estes não se encontrem isolados e/ou imobilizados e estanques nas relações internas das palavras, nas bases estruturais de uma língua.

Consequentemente, Bakhtin (2015, p.24) afirma que “o falante é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que no embrião), uma linguagem de grupo e não um ‘dialeto individual’”.

A partir da noção de sujeito social, permeado por incompletude e inacabamento, Bakhtin (2016, p. 77 - 78) esclarece que “o homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial)”, assertiva a qual o filósofo acrescenta que “a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)”.

Mantendo-se em mente o processo de inacabamento do sujeito e a tarefa que assumem as relações dialógicas no “ato de tornar-se” em contextos de comunicação discursiva, move-se esta discussão em direção ao papel que as mídias digitais, e suas propiciações (*affordances*), desempenham no (re)desenhar das PL/S contemporâneas para, a seguir, conectá-las à noção de práticas translíngues e (processos de) formação linguística.

Ao tratar da “era da mobilidade”, Santaella (2011, p. 118-119) traça um percurso histórico a fim de conceituar o termo “mídia”. Nesse traçado, a pesquisadora recorda como teria sido somente nos anos de 1990 que os acadêmicos brasileiros passaram a adotar o termo “mídia” em seus estudos – já que, até o final da década de 1980, “mídia” era um conceito de uso restrito a questões de informação, na esfera jornalística, especialmente no tocante a mídias como “meios” de [cultura] de massa. A expansão do uso do termo “mídia”, segundo informa a estudiosa, surgiu na década seguinte quando o conceito passou a ser associado, também, a diversos meios publicitários, programas televisivos de entretenimento e, após a popularização de equipamentos eletrônicos diversos, a outras formas e processos comunicativos.

A propagação e a extensão do conceito de mídia, no entanto, parece estar mesmo conectada ao surgimento da internet e da rede mundial de computadores (a *World Wide Web*) momento em que, segundo informa Santaella (2011, p.119), o termo “mídia” foi também empregado a/em processos relacionados ao uso de computadores. Nesse sentido, os anos de 2000 passaram a ser conhecidos como “era midiática” ou da “cultura midiática”.

Na tentativa de diferenciar a ideia de mídia (de massa / informação) das mídias centradas em processos computacionais, surge a nomenclatura “novas mídias” e, especialmente em meados dos anos de 2000, o termo é submetido a estudos conceituais, tal qual o fez Manovich (2005), por exemplo.

O uso do termo “novas mídias”, no entanto, parece não coadunar com os processos, produtos, instrumentos e gêneros encontrados no âmbito da comunicação discursiva aportada por tempos-espacos digitais. A razão para esta afirmação se encontra no fato de que, subjacente à ideia de uma “nova” mídia, estaria o pressuposto de opô-la a outras, anteriores, a guisa de substituição, superação. Dicotomias que antagonizem novos e antigos meios de produção, circulação/acesso de informações, dados, artefatos socioculturais diversos, enfim, “mídias”, não conseguem abranger o fato de que, como já postulava McLuhan (2006) na década de 1960, uma mídia não substitui ou anula aquela a que sucede, mas vem à tona porque a(s) mídia(s) anterior(es) careciam de algo, de recursos, complementações que as “novas” mídias, hibridizando, mixando recursos/aspectos de suas predecessoras, vêm oferecer.

Por conseguinte, para fins desta discussão, a adoção do termo “mídias digitais” parece se configurar a melhor alternativa.

As mídias digitais, como aborda Machado (2001), oferecem um potencial “dialógico” digno de ser explorado. Tecendo provocação aos que anunciaram o fim das interações culturais humanas mediante a propagação das mídias digitais, Machado (2001, p.19), convida seu leitor a refletir acerca dos processos “dialógicos discursivos” instaurados nas interações comunicativas situadas em cronotopo digital.

Contraopondo estudiosos que proclamaram a “morte do discurso” com base no desprestígio da palavra a partir da expansão das interações centradas/intermediadas pelas mídias digitais, Machado (2001, p. 19-21) oferece uma reflexão sóbria e consubstanciada sobre a “comunicação mediada”, encaminhando seu raciocínio em direção oposta àquela em que a linguagem é representada exclusivamente por expressão verbal. Para a pesquisadora, por caracterizar “usos inusitados” de linguagem, as comunicações fundamentadas nos ambientes digitais desafiam lógicas estritamente tradicionais em relação aos processos de comunicação discursivas.

A inegável desestabilização de gêneros e práticas convencionadas pela cultura letrada, especialmente de base grafocêntrica, ocasionada pelo impacto das mídias digitais nos processos interacionais humanos, provocou (e continua a provocar) rupturas que merecem o olhar dos estudiosos das língua(gen)s. Nesse sentido, Machado sugere que

(...)os gêneros são modos de uso da linguagem para elaboração de mensagens segundo um *design* específico. *Design* de gêneros tornou-se palavra de ordem para a compreensão das formações discursivas das novas mídias. Aqui os algoritmos fixos conseguem produzir transformações e, ao fazê-lo, cria diversos níveis de modelizações semióticas (MACHADO, 2001, p. 21).

Perceber nas mídias digitais (renovados) contextos para a exploração de língua(gen)s requer, portanto, a percepção de que sistemas semióticos outros operam, em conjunto e de forma (re)mixada, gêneros híbridos em seu berço e que materializam comunicações discursivas em que o sujeito, no ato de tornar-se, recorre, então, a uma “(...) linguagem que não é mais propriedade da língua natural nem se limita à palavra” (MACHADO, 2001, p. 21).

Por conseguinte, Machado (2001) destaca que é preciso perceber, nos processos de interação comunicativa mediadas por/em ambientes digitais, uma reconfiguração conceitual em relação ao gênero, uma vez que “considerar os gêneros em tempos de cultura digital implica estar atento não só para o modo como as mensagens são organizadas do ponto de vista de sua produção, como também em sua ação sobre a troca comunicativa” (idem, p.22). A pesquisadora afirma que, produzidos e circulados por programas digitais, os gêneros são também recodificados. Desse raciocínio implica perceber que o “gênero não se reporta apenas à língua, mas ao meio, ao ambiente formalizado digitalmente que agora participa da enunciação” (MACHADO, 2001, p.22). Encaminhando sua argumentação, a pesquisadora oferece o termo “gêneros digitais” que, segundo argumenta, podem ser definidos por “formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via online” (MACHADO, 2001, p.23).

Do ponto de vista da formação linguística, é preciso perceber que a ideia de “múltiplas linguagens”, como bem lembra Machado (2001, p.23) já há muito entremeia discussões filosóficas. O que as mídias digitais, o universo digitalmente tecnologizado, parecem tentar fazer é acatar a multiplicidade de meios e formas de se constituir/construir/compartilhar sentidos nos dias correntes.

Destarte, é preciso considerar que, diante de uma nova ontologia e face ao olhar renovado para o mundo e suas ecologias, encontra-se a demanda para novas epistemologias.

Em obra fundadora de discussões no campo do estudo das comunicações/ciências sociais, McLuhan (2006) já afirmava que “o meio é a mensagem”, marcando a indissolubilidade entre os sentidos pretendidos e os meios pelos quais se escolhe construí-los e compartilhá-los. Assim, parece viável entender que, um olhar dialogicamente orientado, tal qual aquele oferecido pelas proposições bakhtinianas anteriormente discutidas neste mesmo texto, pode contribuir para a análise das manifestações discursivas (apoiadas) nas mídias digitais.

Diante de um universo ressignificado por leitores ubíquos; aprendizagem (não necessariamente formal) situada em ambientes de jogos digitais (e síncronos); contextos públicos e gratuitos para a participação, ativismo, interação comunicativa e socialização de saberes e informações aproximadas por afinidades, em plataformas de redes sociais e conversação midiaticizadas, torna-se urgente, pois, repensar antigas visões de língua(gem) e suas epistemologias orientadoras em processos formais de ensino e aprendizagem.

As discussões teóricas encaminhadas até este ponto deste texto sugerem, grosso modo: a natureza social e historicamente compartilhada da língua(gem); a heteroglossia como elemento fundador nos discursos; a comunicação discursiva como cronotopo que promove o ato de tornar-se do sujeito dialogador; a intrínseca relação entre a maneira como os gêneros organizam e concretizam a língua(gem) e sua inseparável relação com os meios em que se constituem e a que constituem. Ademais, a abordagem analítica a partir da PL/S permite integrar os percursos teóricos traçados de modo a perceber no ciberespaço uma arena para o estudo de manifestações socioculturais.

Com apoio nas considerações até aqui tecidas, retoma-se o posicionamento favorável a abordagens epistemológicas que promovam a pluralidade e a descentralização na constituição de sentidos, favorecendo uma formação linguística que não somente tome por contexto gêneros digitais (e suas mídias), a guisa de modelos para análise e repetição, mas como tempos-espacos (cronotopo) em que a língua(gem) se (com)forma, abrindo espaço para o contato e a construção compartilhada de sentidos.

Como sugere Canagarajah (2013), é preciso romper com antigos modelos pautados pela visão estruturalista, monológica e centralizadora de língua(gem), que denotam caráter autônomo e desnaturalizado às práticas discursivas, ao tomá-las por conjunto de regras independentes e arbitrarias, estabelecidas por relações de poder através de políticas linguísticas (ou da ausência dessas políticas).

Na contramão de uma visão absolutista e cartesiana, epistemologias que levam em conta as (re)configurações sociais nos dias correntes favorecem práticas e contextos locais em que as língua(gen)s manifestam a interação comunicativa, gerando espaços de contato em que até mesmo as estruturas subjacentes (a codificação linguística) torna-se resiliente e favorável aos sentidos compartilhados.

Encontrando apoio em proposições feitas por Shields (2007) em relação à interface teorias bakhtinianas e educação, entende-se que as noções de dialogismo, heteroglossia e cronotopo auxiliam a perceber o favoritismo por abordagens de ensino e aprendizagem de língua(gen)s pautadas no caráter

plural, rico, diverso e complexo das comunicações e(m) práticas sociais – especialmente aquelas que impregnam os ambientes digitais.

As mídias digitais, os tempos-espacos por elas propiciados, informam oportunidades aos envolvidos em processos de (trans)formação linguística da possibilidade para a criação/exploração e a “reconfiguração de espacos translocais”, como proposto por Canagarajah (2013, p. 153).

Ao explorar práticas letradas genuinamente desenvolvidas em contextos em que a língua inglesa, por exemplo, é tomada a conta de língua de contato, Canagarajah (2013) aponta que a (re)negociação de sentidos é condição impar para o estabelecimento da comunicação discursiva, uma vez que os sentidos validados passam a ser aqueles negociados em interações comunicativas.

Cabe destacar as considerações que faz Canagarajah (2013, p. 154 – 155) no sentido de conceituar o termo “contexto” – construto amplamente utilizado em abordagens de cunho comunicativistas que entendem “contexto” no ensino e aprendizagem de línguas, especialmente a estrangeira, como situação de produção, pano de fundo que estabelece cenário para a realização de interações orais, por exemplo.

Ao contrário do que postulam olhares centrados na concepção comunicativista de língua(gem), Canagarajah (2013) propõe conceber o “contexto” como um construto de “diferentes camadas”, podendo ser considerado “relativo”, “dinâmico” e mediado por uma gama de fatores sobrepostos uns aos outros. Seguindo nessa direção, o pesquisador sugere que os conceitos “global” e “local” sejam considerados a partir de uma inter-relação contextual que pressuponha um “encontro de realidades diferentes”, dialogicamente sobrepostas. “Contexto”, assim, se configura como cronotopo(s) em que as negociações para o estabelecimento de sentidos compartilhados que carecem e se alimentam da alternância de poder.

É também no embate que estabelece sentidos para a efetivação da comunicação, em práticas sociais, que Canagarajah (2013) caracteriza como prática translíngue, que os fatores socioculturais locais, pertinentes e inerentes a cada um dos interlocutores envolvidos, emergem, hibridizando (contaminando) a língua de contato (por exemplo, a língua inglesa, quando estabelecida como segunda língua/língua estrangeira/adicional para os interlocutores).

Mais do que promover o diálogo simplesmente como (uma forma de) troca interativa (oral ou escrita), o intercâmbio dialógico, fundamentado no diálogo, no ouvir e deixar-se ouvir, no movimento ambivalente eu-outro, em práticas sociais situadas, horizontaliza relações nas (re)negociações por sentidos compartilhados nos contextos locais a que se refere Canagarajah (2013). Esse redimensionamento dos saberes, elaborados e circulados a maneira horizontal, abre espacos para a constituição e a troca de saberes outros, múltiplos e culturalmente significativos para o sujeito envolvido no ato.

O papel das mídias (e, portanto, também o dos gêneros) digitais, nessa direção, é favorável à promoção de experiências que acatem o ensino e a aprendizagem de línguas à maneira socialmente situada, multimidiaticamente aportada e pluralista (em termos de diversidade quanto: à identidade-cultural; à variedade e à variação linguística e a processos (inter)semióticos, que naveguem para além do linguístico-verbal como estrutura única para a materialização discursiva e a construção de sentidos).

Como assegura Blommaert (2017, p.04), pesquisas desenvolvidas no âmbito da sociolinguística que focam a língua(gem) em contextos *online*, proeminentemente desenvolvidas a partir dos anos de 2000, têm fornecido considerável contribuição tanto para o entendimento e o registro de novas formas de interação social estabelecidas quanto podem fornecer pistas sobre os efeitos que essas interações exercem acerca de construções/manifestações de identidade(s). Por efeito, as redes sociais sustentadas por plataformas participativas tais quais *Facebook*, *Twitter* e *Tumblr*, entre outras, apresentam vasto campo não só para o exame de como, também, para a participação em comunicação discursiva situada.

Lançando olhar sobre as “mentes em rede, a criação de sentidos e a contestação de poder”, Castells afirma que:

(...) compartilhando sofrimento e esperança no espaço público e gratuito /livre da Internet, ao se conectarem uns aos outros, e ao divisarem projetos a partir de múltiplas fontes e seres, os indivíduos emolduraram redes, independentemente de suas visões pessoais ou filiações organizacionais. Eles se uniram. E sua união os ajudou a superar o medo, esta emoção paralisante em que se apoiam os donos do poder para prosperar e reproduzir, através da intimidação ou desencorajamento, e, quando necessário, pela violência isolada ou institucionalizada² (CASTELLS, 2012, p.02, tradução de responsabilidade desta autora).

O que Castells parece sugerir é que, por propiciar a interatividade e a oportunidade da responsividade (para recorrer a um termo das discussões bakhtinianas), a internet possibilitou a formação de redes que, a partir de seus nós ou imbricamentos, criaram espaços de resistência e manifestação. Para o sociólogo, a relativa segurança experienciada por aqueles que se apoiam no ciberespaço para o estabelecimento e manutenção de suas “redes” mobilizou indivíduos de condições e idades variadas a ocupar o que Castells chama de “espaço urbano”, ao que o autor denota como a tentativa desses indivíduos, em rede, de “reivindicar seu direito de fazer história – sua história” (CASTELLS, 2012, p. 02).

A proposição de Castells supramencionada parece coadunar com a ideia de cronotopo proposta por Bakhtin, quando se refere ao posicionamento tempo-espacial e os diferentes graus de responsividade (resposta ativa) do sujeito em decorrência desses posicionamentos.

Movido pela discussão no âmbito do romance literário, o conceito de cronotopo bakhtiniano está diretamente ligado à maneira como o herói romanesco se relaciona com a vida. Shields (2007, p.11) adota a discussão bakhtiniana como metáfora para o discurso (e os diálogos) do cotidiano. A autora destaca que Bakhtin projeta a imagem do homem (o sujeito) no romance a partir da relação cronotópica que esse estabelece.

² No original: By sharing sorrow and hope in the free public space of the Internet, by connecting to each other, and by envisioning projects from multiple sources of beings, individuals formed networks, regardless of the personal views or organizational attachments. They came together. And their togetherness helped them to overcome fear, this paralyzing emotion on which the powers that be rely in order to prosper and reproduce, by intimidation or discouragement, and when necessary by sheer violence, be it naked or institutionally enforced (CASTELLS, 2012, p.02).

Para Blommaert (2015, s/p), esse é um conceito-chave na visão bakhtiniana de língua(gem) – um conceito, porém, como tantos outros, cuja elaboração encontra-se dispersa através de vários textos de Bakhtin. Muito embora este autor tenha tentado ressignificar o termo em contextos diversos, foi na análise do romance literário que encontrou espaço para identificar e exemplificar sua concepção, ao sugerir que diferentes cronotopos são evidenciados a partir da maneira como o sujeito (em sua análise, o herói romanescos) se posiciona nos tempos-espacos em que se constitui discursivamente.

A análise proposta por Bakhtin (1981) toma por objeto diversos textos literários (que compartilham iguais condições sócio-históricas de produção) para neles identificar um fio condutor mútuo que orienta o que o autor chama de “trajetória do herói” no romance. Dessa observação advêm três importantes posicionamentos cronotópicos: a) o sujeito do tempo da aventura, que é um ser passivo, que não promove mudanças e que, diante de dificuldades, fica a mercê de um resgate salvador; b) o sujeito que vive entre “dois mundos”, posicionando-se entre a “aventura” e o “real”. Quando pressionado por incontingências, o sujeito move-se, saindo parcialmente da passividade total. No entanto, essa não é uma mudança estruturalmente consistente, posto que o sujeito novamente se acomode e (re)viva o estado de passividade; e c) o cronotopo biográfico, posicionamento em que o sujeito vive o interstício tempo-espaco, deixando a passividade, ao dialogar em réplica-ativa com seu entorno, a maneira agente, posicionando-se no que a discussão bakhtiniana informa ser uma “praça pública”.

Emprestando as observações que faz Azzari (2017, p. 50-53), entende-se que seja possível associar, como metáfora, o posicionamento cronotópico do herói bakhtiniano ao comportamento do sujeito que se engaja, nos dias correntes, em práticas discursivas situadas em redes sociais de que é parte / a que constitui. O sujeito sugerido por Castells (2012), que teria encontrado nas mídias digitais, via *Internet*, oportunidade para tomar as rédeas da própria história, assemelha-se sobremaneira ao sujeito posicionado no “cronotopo biográfico” de Bakhtin (1981). Esse é um sujeito que se (re)constrói em sociedade, historicamente, a partir das manifestações socioculturais que registram sua participação nesse cronotopo midiático-digital. É um sujeito agrupado, amarrado em nós, em comunicações discursivas que levam o pesquisador em PL/S no ciberespaco a ter que (re)considerar noções de língua(gem), comunicação, a própria estética que dá forma à materializações discursivas e, portanto, implica revisitar epistemologias para o ensino e a aprendizagem de línguas (quer sejam elas a primeira, a segunda, as estrangeiras/adicionais, as múltiplas).

Por suposto, no que tange ao ensino e à aprendizagem de línguas nos dias atuais, as mídias digitais se configuram tanto como fonte para insumo, apreciação e discussão de práticas letradas e digitais, quanto oportunizam espaços para o engajamento de aprendizes/estudantes em práticas contextualizadas, socialmente situadas e significativas, bem como para a problematização dos discursos emergentes dessas práticas.

Corroboram para essa proposição estudos centrados, por exemplo, nas chamadas “comunidades virtuais” que analisam essas manifestações em relação ao papel que ocupam no estabelecimento, criação

e manutenção/exclusão de interações sociais. A esse respeito, Castells (2016, p.443), recorrendo a Wellman *et al* (1996), indica que as comunidades constituídas por intermédio de / em ambientes digitais podem ser consideradas “reais” por se tratarem de “redes interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada”. Mas, por outro lado, Castells (*idem*) informa que essas comunidades não seriam consideradas “reais” por não serem físicas e, conseqüentemente, adotarem modelos para interagir e comunicar distintos daquelas comunidades que se estabelecem em contextos físicos (termo usado aqui no sentido de relações materiais-presenciais, ocorrências do universo humano “*offline*”).

Ao retomar as postulações de Wellman *et al.* (1996), Castells (2016, p.443) afirma que as relações sociais estabelecidas em processos interativos situados em comunidades “virtuais” (i.e.; que se apoiam em recursos do meio digital), não pressupõem o isolamento de outras formas de sociabilidade e nem são “imitações de outras formas de vida” porque “têm sua própria dinâmica”. Ademais, o pesquisador ressalta como características das comunidades centradas em/mediadas por universo digital: a superação das noções de distância (espaço) e a rapidez na propagação da comunicação (tempo), que as permite, também, integrar uma multiplicidade de “afiliações”. Adiante, Castells reforça o potencial das interações sociais estabelecidas nas comunidades em mídias digitais ao sugerir que “os vínculos cibernéticos oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos [na sociedade contemporânea] estão cada vez mais especialmente dispersos” (CASTELLS, 2016, p.443).

Por conseguinte, pode-se perceber que em tempos-espacos (cronotopo) mediados pelas tecnologias digitais, especialmente as síncronas e móveis, encontram-se disponíveis estruturas facilitadoras para o contato com a heteroglossia; a diversidade e a pluralidade cultural/identitária que encontram oportunidade para manifestar-se, constituir-se e interagir em comunidades em mídias digitais.

Não obstante, são essas estâncias contextuais, igualmente, lugar propício para o (re)exame, o questionamento da (re)validação e expansão acerca de pressupostos linguísticos normalizadores e homogeneizantes que, contanto mereçam atenção dos ambientes educativos formais (e seus respectivos interlocutores), também precisam ser problematizados e situados de forma a identificá-los, para os aprendizes da língua meta, por seu caráter centralizador e arbitrário, enquanto organizador de posições sociais, determinante de lugares (sociais) de fala – confrontando-se a normalização e(m) sua(s) arbitrariedade(s) e as expressões socialmente estabelecidas, em língua-meta (aquela que se quer ensinar e aprender, neste caso, como língua estrangeira/adicional), em contextos de comunidade “virtual”.

Pode-se pensar, por exemplo, em alguns eixos organizadores para tais práticas linguísticas em mediação digital. Machado (2001) categoriza (alguns) gêneros digitais por: a) conversacionais (fundados no diálogo): plataformas/*Softwares/Apps* para *Chats*, vídeo conferência e/ou listas de discussão); b) narrativos (fundados na cenarização discursiva): *homepages* (e seus hipertextos que proporcionam a

“aventura digital”- ou seja, o deslocamento tempo-espacial e ubíquo). Nesta última categoria, pode-se pensar na “viagem” transmidiática³, tipificada pela construção de narrativas (independentes ou completivas, que se somam a fim de elaborar uma narrativa única, maior). O processo transmídia, via de regras, leva seus integrantes a “navegar” por hipertextos que, conectados, constroem redes interativas entre diferentes mídias.

Nota-se um crescente número de pesquisas recentemente publicadas por estudiosos brasileiros que abordam o tema aqui explorado e oferecem propostas de análise / trabalho com vistas à educação linguística, tais como os apresentados por Azzari (2017 a; 2017 b); Azzari e Melo (2016), entre tantos outros.

Finalmente, entende-se que seja possível argumentar em favor de uma formação linguística contemporânea que consista no estabelecimento de condições para que o sujeito tenha acesso ao ato de tornar-se, ou seja, perceba na comunicação discursiva, a língua(gem) como prática social, contextualizada e compartilhada.

4. Comentários finais

Se por um lado a reconfiguração de tempos-espacos (o cronotopo do universo midiático-digital) tem alavancado o surgimento de formas de manifestações socioculturais híbridas, multifacetadas, multimidiáticas e pluralistas, o posicionamento cronotópico do sujeito, advindo das relações que estabelece nas comunicações discursivas em que se engaja, ainda carece investigação, estudo. As diversas produções resultantes do envolvimento do sujeito contemporâneo e(m) suas redes de nós interativos apontam em favor da resistência por espaços em que o sujeito possa tornar-se e, assim, responder ativamente ao mundo e(m) seu entorno.

Para aqueles que se preocupam com as questões relativas aos processos de ensino e aprendizagem de línguas, apreciar o ciberespaço, as mídias digitais e as diversas manifestações em / por elas registradas se torna premente. A língua(gem), sendo prática social e tendo referencial histórico, não pode permanecer relegada apenas ao estabelecimento, registro, transmissão e memorização de códigos, estruturas e formações arbitrárias e isoladas. Conquanto os códigos linguísticos sejam estruturas subjacentes aos processos comunicativos que estão estruturados por conjuntos de regras e combinações morfossintáticas e registros prosódicos, estes também não são elementos estáticos, monolíticos, autônomos e/ou confortável e indefinidamente estabelecidos.

Acatar o olhar dialogicamente orientado para as comunicações discursivas, o papel das interações contextuais para a negociação e o estabelecimento local de sentidos e as novas estéticas e éticas oriundas dos ambientes digitais e seus recursos pode ter se tornado caractere essencial ao profissional da

³ Jenkins (2011) esclarece que “transmídia, seu uso em si, significa simplesmente através de mídias”. Para esse autor, a ideia de “convergência cultural”, intrínseca à movimentação transmidiática, é descrita como “um paradigma para se pensar acerca do momento presente da mudança midiática, que é definido pelas estratificações, diversificação e interconectividade da(s) mídia(s).

língua(gem) que deseja mover a relação ensinar-aprender para além das páginas impressas, das noções (pré)estabelecidas e do isolamento que faz parecer, aos que não são afeitos aos estudos da linguagem, que a formação linguística está dissociada da formação crítica e cidadã, da capacitação ao posicionamento politizado, participante e participativo dos sujeitos socialmente organizados.

Não há língua(gem) sem partidos, porque não há discursos que se componham, se manifestem, ou de que se aproprie sem que o sujeito se envolva nas contingências sociais, nos tempos-espacos em que vive. A língua(gem) é partidária de berço. É identificada e identificadora. Reflete e refrata o sujeito, a vida e as relações que entre eles se estabelecem. E, afinal, como sugere Castells (2012) viver no medo, no isolamento e no silêncio dos não-partidários, pode mesmo interessar a quem?

Referências Bibliográficas

- AZZARI, E. F. 2017a. Discursos sobre a presença de tecnologia em aula de inglês na educação básica: abismos e pontes. 2017, 239 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. 2017b. Articulações possíveis entre manifestações em paisagens linguístico-semióticas no ciberespaço e (uma) educação linguística crítica. In: ROCHA, C. H. et al. Diálogos sobre tecnologia educacional: educação linguística, mobilidade e práticas translíngues. Campinas: Pontes, p. 59 - 91.
- AZZARI, E. F.; R. de MELO. 2016. Olhares sobre a linguagem em redes sociais e suas interfaces com a educação crítica e pluralista. In: Texto livre, linguagem e tecnologia. Belo Horizonte: Periódicos UFMG, vol.09, n. 2, p. 94-113, jul-dez.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. 2006. Marxismo e filosofia da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. 1981. Discourse in the novel. In : HOLQUIST, M. (ed). The dialogic imagination – four essays. Austin: The University of Texas Press. Translated by Caryl Emerson and Michael Holquist
- _____. 2011. Estética da criação verbal. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- _____. 2015. Teoria do Romance I: A estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kojinov. São Paulo: Editora 34.
- BLOMMAERT, J. 2016. "Meeting of Styles" and the online infrastructures of graffiti. In: Applied Linguistics Review, vol. 7, issue 2, jun.
- _____. 2015. Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. In: Annual Review of Anthropology . Tilburg Papers in Culture Studies, paper 121. Disponível em: <http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-102214-014035>. Acesso em 20 maio 2017.
- BLOMMAERT, J.; MALY, I. 2014. Ethnographic Linguistic Landscape Analysis and social change: a case study. In: Working papers in Urban language & Literacies. London: King's College.
- CANAGARAJAH, S. 2013. Translingual Practice – Global Englishes and Cosmopolitan Relations. New York: Routledge.
- CASTELLS, M. 2016. A sociedade em rede. Vol.1. (17ª ed. revista e ampliada). Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra.
- _____. 2012. Networks of outrage and hope – social movements in the internet age. Maiden: Polity press.
- IVKOVIĆ, D. 2012. Landscapes, linguascapes, and linguistic mediation in cyberspace. Disponível em: https://www.academia.edu/21744068/Landscapes_linguascapes_and_linguistic_mediation_in_cyberspace. Acesso em: 20 maio 2017.
- JAWORSKI, A.; THURLOW, C. 2011. Semiotic Landscapes. Language, Image, Space. London / New York: Continuum.

- JENKINS, H. 2011. Transmídia 202: Further reflections. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html> Acesso em 20 ago 2017.
- MACHADO, I. 2001. Digitalização. Linguagem. Discurso. As mediações dialógicas possíveis. In: Lumina, v.4, no. 2, p.19-48, jul./dez. Juiz de Fora: Facom/UFJF.
- McLUHAN, M. 2006. A energia híbrida: Les Liaisons Dangereuses. In: Os meios de comunicação como extensões do homem (3a Ed). Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, p.67-75.
- MANOVICH, L. 2005. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In: LEÃO, L. (org.) O chip e o caleidoscópio – reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora SENAC, p. 23-50.
- SANTAELLA, L. 2011. Linguagens líquidas na era da mobilidade. 2 ed. São Paulo: Paulus.
- VITANOVA, G. 2013. Authoring the Self in a non-native language: a dialogic approach to agency and subjectivity. In: HALL, J. K. et al. 2013. Dialogue with Bakhtin on Second and Foreign Language Learning – new perspectives. New York: Routledge, p.149-169.
- WELLMAN, B. et al. 1996. “Computer networks as social networks: collaborative work, telework and virtual community”, In: Virtual Reviews of Sociology, n. 22, p. 213-238.

Eliane Fernandes Azzari holds both a Ph.D. and MA in Applied Linguistics from IEL - UNICAMP. She is a full professor at the Letters graduate college and a researcher and professor at the Postgraduate programme in Languages, Media and Art at PUC-Campinas. Member of the research group: Entre(dis)cursos: sujeito e língua(gens). Email: elianeazzari@gmail.com